

O músico Fred Ribeiro, que acompanha de perto um dos trechos do Lago Norte, também percebeu a mudança. Segundo ele, a presença de algas passou a incomodar nos últimos anos. “A água não fede. A gente não consegue ver óleo na água, nem nada. Assim, a olho nu, você não diz nada. Mas a presença da alga é uma denúncia”, afirma. A observação é uma percepção de quem frequenta e monitora o trecho, e não uma conclusão científica sobre a causa da proliferação.

A percepção de Fred dialoga com a explicação de Claudia sobre a sensibilidade dos organismos aquáticos às mudanças na qualidade da água. Para a professora, algas, plantas aquáticas, microfauna e peixes respondem rapidamente às alterações ambientais, o que reforça a importância de acompanhar continuamente o reservatório. O desafio, portanto, não é simplesmente limpar o lago. É entender como cada intervenção interfere em um sistema que reúne água, sedimentos, vegetação, fauna, córregos, ocupação urbana e atividades humanas.

Não é de todos da mesma maneira

Existe ainda outra questão quando se fala em Lago Paranoá: quem consegue chegar até ele? O Brasília Ambiental (Ibram) afirma que existem diversos pontos públicos de acesso ao reservatório. Entre eles, estão o Deck Sul, a Prainha do Lago Norte, a Praça dos Orixás, os setores de clubes esportivos Sul e Norte, áreas próximas à Ponte JK, além de parques e unidades de conservação no entorno.

A presença de plantas aquáticas na trilha da Lagoinha pode indicar algum desequilíbrio na água



Também há trechos da orla sem infraestrutura estruturada nos quais o acesso ao lago é possível. Ao mesmo tempo, o próprio órgão reconhece que existem dificuldades históricas de acesso democrático em algumas áreas das QIs dos Lagos Sul e Norte, onde houve ocupação privada da orla. Algumas dessas situações já foram alvo de ações de desobstrução e recuperação de áreas públicas. “A população dispõe de acesso ao Lago Paranoá em diversos pontos, especialmente nos locais públicos de lazer já consolidados”, afirma o Ibiam.

A discussão é mais complexa do que simplesmente abrir todas as margens. O Lago Paranoá está inserido em uma Área de Proteção Ambiental e reúne diferentes unidades de conservação. Existem trechos em que a vegetação, as nascentes e as margens têm proteção mais rigorosa. O acesso precisa, portanto, ser conciliado com a conservação.

Para o Brasília Ambiental, é possível equilibrar preservação e democratização, desde que os espaços sejam utilizados de acordo com as regras ambientais. “Os próprios parques e unidades de conservação mencionados demonstram, na prática, que é possível oferecer espaços públicos para contemplação, lazer, atividades físicas e educação ambiental, desde que o uso respeite o zoneamento, a vegetação, a fauna e as demais regras de proteção aplicáveis”, afirma o órgão.

Na prática, porém, a diferença entre ter o lago na cidade e conseguir vivenciá-lo continua evidente. É por isso que os esportes náuticos podem funcionar também como uma forma de aproximar diferentes públicos do reservatório.

Para Thiago Luz, do Cerrado Experience, a experiência de entrar no Lago Paranoá também muda a maneira como Brasília é percebida. Da água, a cidade aparece por outros ângulos, entre a Ponte JK, o Palácio da Alvorada, as casas do Lago Sul e do Lago Norte, os clubes e os trechos de vegetação mais preservada. “O Lago Paranoá revela uma Brasília completamente diferente daquela que estamos acostumados a observar das margens”, afirma. Para ele, a navegação permite reconhecer a dimensão do reservatório e, ao mesmo tempo, perceber como a natureza permanece presente em diferentes pontos da capital.

Essa relação ganha outra camada quando a atividade é entendida como uma forma de conhecer a própria história do território. Thiago lembra que o lago é artificial e foi formado a partir do represamento de rios e cursos d’água da região, tornando-se, posteriormente, um dos principais espaços de lazer, esporte e convivência de Brasília. “Navegar pelo Lago Paranoá é, também, uma maneira de conhecer Brasília por uma perspectiva completamente diferente”, resume. A proposta do Cerrado Experience parte justamente dessa aproximação entre turismo, natureza e memória, mostrando que explorar o lago pode significar mais do que contemplar a paisagem: pode ser uma maneira de criar vínculo com o lugar.



A observação de pássaros faz parte das trilhas pelo Lago Paranoá. Na imagem, uma garça-branca-grande, vista no passeio da Lagoinha

PARA CONHECER O LAGO PARANOÁ

TRILHA DA LAGOINHA

- Primeira estação do Circuito de Ecoturismo pelas Águas do Lago Paranoá, a experiência percorre braços de rio e áreas de vegetação, com observação da vida silvestre e da paisagem do território. A atividade é realizada em canoas havaianas coletivas, conduzidas por professores e instrutores.
- **Investimento:** R\$ 120 por pessoa. Grupos a partir de quatro pessoas: R\$ 100 por pessoa.
- **Informações e reservas:** @euremosorrindo

TRILHA DO TAPICURU

- Segunda experiência do circuito, com navegação por áreas do Lago Paranoá que revelam outros cenários e paisagens do reservatório.
- **Investimento:** R\$ 150 por pessoa. Grupos de duas a quatro pessoas: R\$ 130 por pessoa. Grupos a partir de cinco pessoas: R\$ 100 por pessoa.
- **Informações e reservas:** @euremosorrindo

AMAZÔNIA DO LAGO NORTE

- Passeio de stand up paddle ou caiaque pelos braços do Lago Paranoá, com saída pela QI 5, no Lago Norte. O percurso passa por áreas de vegetação e chega à Amazônia do Lago Norte, trecho que encontra o Córrego do Torto.
- **Investimento:** R\$ 85 por pessoa. Há pacotes especiais para grupos.
- **Informações e reservas:** @lagonortesupclube.